



Voz da Fátima

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: PADRE LUCIANO GUERRA

Composto e impresso na «Gráfica de Leiria»

Ano 56 — N.º 661 — Avença

13 de Outubro de 1977

Redacção e Administração

Santuário de Fátima — Tel. 97182

Grande Campanha de Oração

O Santuário de Fátima vai lançar um cartaz para este último período do sexagésimo aniversário das Aparições. Que pretendemos nós com o lançamento desta exortação pública a todo o Portugal?

Não pretendemos — o Senhor sabe-o bem — dar alimento aos sábios da Igreja e nem também indicar caminhos aos transviados que a acusam de infidelidade crónica às inspirações do Evangelho. Uma campanha de oração nascida em Fátima tem necessariamente que dirigir-se aos simples e, entre os simples, primeiro que nada aos pobres. Porque Nossa Senhora escolheu os pobres, nós aqui no Santuário temos de preocupar-nos antes de mais com eles. A nossa GRANDE CAMPANHA DE ORAÇÃO pretende levar até eles, em primeiro lugar, o apelo de Nossa Senhora em Fátima para que rezemos, para que rezemos muito, para que rezemos o Rosário.

Entre os pobres a quem nos dirigimos queremos contar uma multidão de sacerdotes e religiosos que, ou amadureceram antes das geadas que nos últimos decénios têm queimado os frutos novos da Igreja, ou resistem, por especial compleição, à angústia metafísica e destruidora que barra o caminho da Igreja às gerações mais novas. Não se trata de fazer finca-pé ou barreira a qualquer onda avassaladora, embora reconheçamos que os males do mundo avançam muito em forma e força de ondas a que dificilmente mesmo os fortes conseguem resistir. Mas o que nós pretendemos com esta campanha é levar a todos os que possuem a fé com certa tranquilidade, o apelo simples de Nossa Senhora para que sejam simples na sua oração e se sirvam do Rosário como

uma das formas simples de orar: quando a gente está cansado, quando a gente não sabe bem o que há-de dizer, quando a gente já desconfia das orações - discursos da sua juventude, ou quando simplesmente gosta de repetir muitas vezes a mesma e simples mas bela e cristalina oração onde se concentra o essencial dos nossos sentimentos para com o Senhor e para com a Sua e nossa Mãe: Pai Nosso! Ave Maria!

O nosso desejo seria que as paróquias e associações onde as formas simples de oração ainda não tiverem sido postas de lado aproveitassem o mês de Outubro para se congregarem, na família, no lugar, na igreja paroquial, a rezar o terço todos os dias.

Nalgumas comunidades o mês de Novembro é tanto ou mais frequentado que o de Outubro. Com um plano de aproveitamento bem feito, estes dois meses poderiam ser uma introdução maravilhosa de oração ao ano pastoral que então começa. E não seria também possível congregar à vez as várias categorias de pessoas, aproveitando sempre para um aprofundamento das responsabilidades cristãs de cada qual? O Santuário tem ao seu serviço algumas pessoas que poderão talvez ajudar as comunidades nesse sentido.

A seguir a Novembro vem a Imaculada Conceição. Tal como o ano passado, estamos a pensar em fomentar por Portugal além um tempo forte de oração na Vigília da Padroeira. Terminaríamos assim este grande ano de oração que foi o sexagésimo das Aparições de Nossa Senhora. Que Ela nos alcance em recompensa o dom da caridade e da paz.

P. LUCIANO GUERRA

13 de Outubro de 1917

Sáimos de casa bastante cedo, cantando com as demoras do caminho. O povo era em massa. A chuva, torrencial. Minha Mãe, temendo que fosse aquele o último dia da minha vida, com o coração retalhado pela incerteza do que iria acontecer, quis acompanhar-me. Pelo caminho, as cenas do mês passado, mais numerosas e comovedoras. Nem a lamaceira dos caminhos impedia essa gente de se ajoelhar na atitude mais humilde e suplicante. Chegados à Cova da Iria, junto da carrasqueira, levada por um movimento interior, pedi ao povo que fechasse os guarda-chuvas para rezarmos o terço. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

— Que é que Vossemecê me quer?

— Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que contínuem sempre a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas.

— Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia uns pecadores, etc..

— Uns, sim; outros, não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados. E tomando um aspecto mais triste:

— Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido.

E abrindo as mãos, fê-las reflectir no sol. E enquanto que se elevava, continuava o reflexo da Sua própria luz a projectar-se no sol.

Eis, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo, o motivo pelo qual exclamei que olhassem para o sol. O meu fim não era chamar para aí a atenção do povo, pois que nem sequer me dava conta da sua presença. Fi-lo apenas levada por um movimento interior que a isso me impeliu.

Desaparecida Nossa Senhora, na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o Mundo com uns gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o Mundo da mesma forma que S. José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.

(Memórias da Irmã Lúcia)

EM 13 DE OUTUBRO DE 1917 O SOL «BAILOU» EM FÁTIMA

Há uns meses uma estimada leitora pedia-nos que publicássemos na *Voz da Fátima* o artigo que Avelino de Almeida, enviado especial de *O Século*, em 13 de Outubro de 1917, publicou dias depois na revista «Ilustração Portuguesa», n.º 610, II série, de 29 de Outubro de 1917. Avelino de Almeida não é certamente um nome desconhecido para a maioria dos leitores. Nasceu em Novembro de 1873. Começou a trabalhar nos jornais desde muito novo e a morte colheu-o em 2 de Agosto de 1932, como mestre considerado no jornalismo português. Não vamos deter-nos em dados biográficos que os leitores mais interessados poderão encontrar em S. Martins dos Reis, *Na Órbita de Fátima*, p. 16-65. Mas podemos resumir o itinerário da sua vida: seminarista em Santarém, chegando a receber ordens, veio a abandonar a vida eclesiástica, irrompendo «por vias não sacras no mar largo e alteroso do jornalismo político», para usar a expressão de Frederico Alves que evocou a sua memória em *O Século*, no dia em que se perfaziam 100 anos do seu nascimento. «Estruturalmente liberal, republicano pela inteligência e pelo coração, contra o clero, contra o jesuíta, assestou a sua fúria de *défroqué* panfletário... Surgiu de repente o varredor de sotainas, e o povo já levedando a revolução que não vinha longe dava guarida entusiástica às campanhas do jovem Avelino de Almeida nas páginas de *A Lanterna*. O seu testemunho sobre os factos de Fátima tem pois

o cunho de eminentemente insuspeito. Enviado especial de *O Século* à charneca da Cova da Iria, Avelino de Almeida deixou em Lisboa um primeiro artigo publicado no jornal do próprio dia 13: «*Em pleno sobrenatural! As aparições de Fátima*». A 15 titulóu assim a sua reportagem que o «associou indelevelmente a factos de extraordinária repercussão na história da Igreja em Portugal»: *Coisas espantosas! Como o sol bailou ao meio dia em Fátima*.

Passadas as grandes emoções, Avelino de Almeida pegava de novo na pena para publicar na «Ilustração Portuguesa», também ligada a «*O Século*», o depoimento que, por nos ser pedido e ter grande valor documental, vamos transcrever, 60 anos depois de ter sido escrito. Actualizamos a grafia.

(CARTA A ALGUÉM QUE PEDE UM TESTEMUNHO INSUSPEITO)

Quebrando um silêncio de mais de vinte anos e com a invocação dos longínquos e saudosos tempos

em que convivemos numa fraternal camaradagem, iluminada então pela fé comum e fortalecida por idênticos propósitos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou naquele desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receosas de um logro... Estão os católicos em desacordo sobre a importância e a significação do que presenciaram. Uns convenceram-se de que se tinham cumprido promettimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontrovertida realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sê-lo. Pessoas de família arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal daquele povo que ali se juntou a 13 de Outubro. O teu racionalismo sofreu um formidável embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem difícil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diário, *O Século*, os factos que diante de mim

● Continua na página 2



13 DE OUTUBRO DE 1917 — à espera do prometido milagre do Sol (última aparição de Nossa Senhora em Fátima)

A Peregrinação de 13 de Setembro

A peregrinação de 12 e 13 de Setembro em nada desmereceu da dos meses anteriores. Segundo o programa que a si mesmos se impõem, não faltaram os incontáveis peregrinos a pé, em atitude firme de quem — por livre auto-determinação — escolhe o SACRIFÍCIO e a PENITÊNCIA como forma de expressão, nada fácil, da fé que lhes anima os corações. Desta vez, vimos até mais do que isso: «não a pé, mas DE JOELHOS, houve quem fizesse quilómetros de percurso...» Presentes também muitos — perto de 2.000 — peregrinos estrangeiros: alemães, franceses, norte-americanos, austríacos, acompanhados por um Bispo, ingleses, belgas, irlandeses, italianos, suíços, coreanos.

Segundo muitos testemunhos que temos ouvido de estrangeiros, Fátima é um santuário mariano ímpar no mundo. Em mais nenhum local se encontra — dizem — o que se vê em Fátima: tamanha piedade, fé, oração e espírito de penitência. Ao cruzarem-se com os peregrinos que — a pé, a rezar e a cantar — palmilham caminhos e estradas; ao visitarem o lavapés; ao presenciarem pessoas de todas as condições, idades e sexos cumprindo as suas promessas em atitude de inquebrantável firmeza, sem respeito humano e desafiando com a indiferença quem os quiser demover dos seus propósitos, esses estrangeiros afirmam que é preciso ver para crer. Que, agora, compreendem por que é que Nossa Senhora escolheu Portugal para aparecer há sessenta anos.

Às 19 horas, com a saudação aos peregrinos na Capelinha, iniciou-se oficialmente a peregrinação, sendo frisada a intenção deste mês: «Orar para que renasça no coração dos homens o espírito de oração».

Às 22 horas, antecedida da recitação do Terço, procedeu-se à procissão das velas, espectáculo sempre emocionante pelo

que transparece de fé, devoção e amor à Mãe. A figura serena, recolhida e quase etérea da imagem de Nossa Senhora, em andor engrinaldado com belos cravos da mesma cor da Senhora, transportado por ombros possantes e devotos, era bem o símbolo da Virgem silenciosa e atenta, em Quem o Altíssimo fez grandes coisas.

Terminada a procissão, foi lembrado aos peregrinos que Fátima não é lugar de romaria ou turismo, mas local sagrado, pelo que indispensável se torna criar clima de silêncio, recolhimento, compostura e respeito que favoreçam a oração. Não se tratando de um arraial ou estádio de espectáculos, não é atitude de observador que o peregrino deve assumir, mas de orante activo que vive, partilha e se compromete nos actos litúrgicos.

Imediatamente no altar do recinto, seguiu-se a Eucaristia. O programa da velada nocturna desenvolveu-se como estava previsto: Adoração e acção de graças diante de Nosso Senhor exposto; celebração mariana na Capelinha; Via-Sacra no recinto; Missa; procissão eucarística; celebração do Rosário na Capelinha.

De destacar, um grupo de jovens que havia feito uma caminhada de penitência, em espírito de oração e reparação por Portugal.

Às 10 horas, com a presença da imagem de Nossa Senhora, processionalmente conduzida para junto do altar do recinto, iniciou-se a celebração final, pela Eucaristia presidida pelo Sr. D. Francisco Madureiros, ex-Bispo de Quelimane, e participação de muitas dezenas de sacerdotes. À homília, com muita incisão, o Sr. D. Francisco encareceu a urgência de respondermos aos apelos da Mãe do céu, insistentemente por ELA dirigidos neste mesmo local, há sessenta anos. Oração fervorosa e comprometida e penitência que leve à conversão — disse — é a res-

posta que importa dar a Nossa Senhora.

Não obstante o calor intenso, os peregrinos aguentavam corajosamente, pois que mais alta era a temperatura da fé que lhes ardia nos corações. Como de costume, seguiu-se a Bênção dos DOENTES em elevado número, nacionais e estrangeiros. Esse acto era o fecho do retiro com que se haviam preparado desde o dia 10 e os introduziu no âmbito da Mensa-

gem de Fátima, mediante a compreensão do significado e extraordinário valor do Sofrimento, para santificação própria, conversão dos pecadores e reparação dos pecados cometidos contra Deus e o Coração Imaculado de Maria.

Findo o compromisso que encerrou a Santa Missa, o Sr. Reitor, Rev. Dr. Luciano Guerra, lançou um veemente apelo para que a CAMPANHA ou CRUZADA do ROSÁRIO pe-

la PAZ, a levar a efeito durante o mês de OUTUBRO, como coroamento do sexagésimo aniversário das aparições de Nossa Senhora, em 1917, fosse um propósito que todos os peregrinos levassem consigo.

Por fim, o ADEUS, tão cheio sempre de sentimentos e carinho, que não só humedece os olhos dos peregrinos nacionais, como comove os estrangeiros, que — até ao fundo — apalpa a alma do bom povo português, tão delicado na sua sensibilidade, tão inquebrantável e gigante na sua capacidade de sacrifício.

A PROMESSA DE LÚCIA

Na primeira aparição no dia 13 de Maio anunciou a Imaculada Senhora aos Pastorinhos: «*Ides ter muito que sofrer*». Os sucessos futuros comprovaram plenamente estas palavras proféticas. Quanto sofreram os pequenos videntes e, dum modo particular, a mais velha dos três! Uns escarneciam e troçavam dela, outros batiam-lhe, o Administrador prendia-a, certas pessoas da família desprezavam-na, a mãe atribuía-lhe a culpa de tantos desgostos sucedidos no lar.

Em tal contexto se situa esta página, certamente uma das mais impressionantes e comovedoras saídas da pena de Lúcia:

«O Senhor devia comprazer-se em ver-me sofrer, pois me preparava agora um cálix bem mais amargo, que dentro em pouco me dará a beber. Minha mãe cai gravemente doente e a tal ponto que um dia a julgámos agonizante. Foram então todos os filhos junto de sua casa para receber a sua última bênção e beijar-lhe a mão moribunda.

Por ser a mais nova, fui a última. Minha pobre mãe, ao ver-me, reanimou-se um pouco, lançou-me os braços ao pescoço e, suspirando, exclamou:

— Minha pobre filha, que será de ti sem mãe? Morro contigo atravessada no coração!

E prorrompendo em amargos soluços, apertava-me cada vez mais. Minha irmã mais velha arrancou-me dos seus braços à força e, levando-me à cozinha, proibiu-me voltar mais ao quarto da doente e concluiu dizendo:

— A mãe morre amargurada com os desgostos que tu lhe tens dado.

Ajoelhei-me, inclinei a cabeça sobre um banco e, numa profunda amargura, qual ainda não tinha experimentado, ofereci ao nosso bom Deus o meu sacrifício.

Poucos momentos depois as minhas duas irmãs mais velhas vendo o caso perdido, voltam junto de mim e dizem-me:

— Lúcia, se é certo que tu viste Nossa Senhora, vai à Cova da Iria, pede-lhe que cure a nossa mãe, promete-lhe o que quiseres que o faremos, e então acreditamos.

Sem me deter nem um momento, pus-me a caminho. Para não ser vista, fui por uns atalhos que havia entre campos, rezando até lá o Rosário. Fiz à Santíssima Virgem o meu pedido, desafoguei aí a minha dor derramando copiosas lá-

grimas e voltei para casa, confortada com a esperança de que a minha querida Mãe do Céu me daria a saúde da terra. Ao entrar em casa, minha mãe já sentia algumas melhoras e passados três dias podia já desempenhar os seus trabalhos domésticos.

Eu tinha prometido à Santíssima Virgem se ela me concedesse o que eu lhe pedia, ir à Cova da Iria durante nove dias seguidos rezar o Rosário e ir de joelhos desde o cimo da estrada até ao pé da carrasqueira e no último dia levar nove crianças pobres e dar-lhes no fim um jantar. Fomos pois cumprir a minha promessa acompanhadas de minha mãe que dizia:

— Que coisa! Nossa Senhora curou-me, e eu parece-me que ainda não acredito! Não sei como isto é!

Que belas e acertadas foram as promessas da pequenita Lúcia — as mais adequadas para alcançar as graças desejadas!

Prometeu rezar durante nove dias o Rosário completo — três terços. Não é a reza do terço o melhor obséquio em honra de Maria? Não disse Ela na aparição de Julho que até para alcançar a cura corporal deviam os doentes rezar o terço durante o ano?

Fazer de joelhos o trajecto desde a estrada, mais ou menos a cruz alta, até à azinheira ou actual Capelinha das Aparições é exactamente a penitência realizada hoje por tantos peregrinos. Também esta prática penitencial está no estilo mariano, pois Nossa Senhora em duas das aparições de Lourdes (23 e 27 de Fevereiro) mandou à pequena Bernardete, que percorresse de joelhos e beijasse o chão desde o local em que se encontrava até à gruta das maravilhas.

Ao Rosário e sacrifício juntou Lúcia a caridade para com os pobrezinhos: «tive fome e destes-me de comer» (Mt. 25, 35) «O que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes» (Mt. 25, 40).

Para obtermos as graças que desejamos, procuraremos imitar estes exemplos, sobretudo rezando o terço ou até o Rosário — a devoção que a branca Senhora mais nos recomendou na Cova da Iria.

EM 13 DE OUTUBRO DE 1917 O SOL «BAILOU» EM FÁTIMA

(Continuação da 1.ª página)

se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros foram os que ficaram insensíveis à grandeza de semelhante espectáculo, único entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo.

O que ouvi e me levou a Fátima? Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascensão, aparecera a três crianças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagalote, recomendando-lhes que orassem e prometendo-lhes aparecer ali, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mês, até que em Outubro lhes daria qualquer sinal do poder de Deus e faria revelações. Espalhou-se a nova por muitas léguas em redondeza; voou, de terra em terra, até os confins de Portugal, e a romagem dos crentes foi aumentando de mês para mês, a ponto de se juntarem umas cinquenta mil pessoas consoante os cálculos de indivíduos desapaixonados. Nas pre-

cedentes reuniões de fiéis, não faltou quem tivesse suposto ver singularidades astronómicas e atmosféricas, que se tomaram como indício da imediata intervenção divina. Houve quem falasse de súbitos abaixamentos de temperatura, da cintilação de estrelas em pleno meio-dia e de nuvens lindas e jamais vistas em torno do Sol. Houve quem repetisse e propalasse comovidamente que a Senhora recomendava penitência, que pretendia a erecção de uma capela naquele local, que em 13 de Outubro manifestaria, por intermédio de uma prova sensível a todos, a infinita bondade e a onipotência de Deus...

Foi assim que, no dia célebre e tão ansiado, afluiram de perto e de longe a Fátima, arrostando com todos os embaraços e todas as durezas das viagens, milhares e milhares de pessoas, umas que palmilharam léguas ao sol e à chuva, outras que se transportaram em variadíssimos veículos, desde os quase pré-históricos até os mais recentes e maravilhosos modelos de automóveis, e ainda muitíssimas que suportaram os incómodos das terceiras classes dos comboios, dentro dos quais, para percorrer hoje relativamente pequenas distâncias, se perdem longas horas e até dias e noites! Vi ranchos

de homens e de mulheres, pacientemente, como enlevados num sonho, dirigirem-se, de véspera, para o sítio famoso, cantando hinos sacros e caminhando descalços ao ritmo deles e à recitação cadenciada do terço do Rosário, sem que os importunasse, os demovesse, os desesperasse, a mudança quase repentina do tempo, quando as bátigas de água transformaram as estradas poeirentas em fundos lamaçais e às doçuras do Outono sucederam, por um dia, os aspérrimos rigores do Inverno... Vi a multidão, ora comprimida à volta da pequenina árvore do milagre e desbastando-a dos seus ramos para os guardar como relíquias, ora espalhada pela vasta charneca que a estrada de Leiria atravessa e domina e que a mais pitoresca e heterogénea concorrência de carros e pessoas atravancou naquele dia memorável, aguardar na melhor ordem as manifestações sobrenaturais, sem temer que a invernia as prejudicasse, diminuindo-lhes o esplendor e a imponência... Vi que o desalento não invadiu as almas, que a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades, que a compostura da multidão em que superabundavam os campónios foi perfeita e que as crianças, no seu

entender privilegiadas, tiveram a acolhê-las as demonstrações do mais intenso carinho por parte daquele povo que ajoelhou, se descobriu e rezou a seu mandado ao aproximar-se a hora do «milagre», a hora do «sinal sensível», a hora mística e suspirada do contacto entre o céu e a terra...

E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pré-anunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei — disco de prata fosca — em pleno zénite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar...

Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja...

AVELINO DE ALMEIDA

P. FERNANDO LEITE

FÁTIMA, nova Vila Portuguesa

DA HOMILIA DO SENHOR BISPO DE LEIRIA:

«A Cova da Iria, desde os fenómenos sobrenaturais que aqui aconteceram em 1917, tornou-se o coração de Fátima, diria mesmo o coração de Portugal e do mundo, porque ao mundo inteiro se dirige a mensagem de salvação proclamada pela Mãe de Deus que é Mãe de toda a Humanidade. A Cova da Iria, coração de Fátima! A aparição de Agosto que hoje celebramos teve lugar nos Valinhos, como sabeis. Mas ainda ali a Senhora aponta para a Cova da Iria (...) Se hoje Fátima é conhecida em todos os recantos do Mundo é porque nela existe uma Cova da Iria, com todo esse caudal de sobrenatural que daqui jorra sobre Fátima, sobre a Diocese de Leiria, sobre Portugal e a humanidade toda (...)

A categoria de vila deve despertar a consciência dos habitantes de

Fátima para o especial desafio que lhes é feito pelos acontecimentos da Cova da Iria (...)

A categoria de vila não é uma honra, é uma exigência; não é soberania, é um serviço; não é coroa dos vossos méritos, é programa de novas virtudes. É um sinal dos homens, mas é principalmente sinal de Deus. Deus, não o esqueçais, é o supremo condutor da história. Nas suas mãos estão a inteligência e a vontade dos homens. É ele que ilumina e move; é Ele que realiza em nós o querer e o operar. Se hoje temos a vila de Fátima é porque Deus existe e interveém na história humana. Sendo assim, este sinal de Deus e dos homens, deve empenhar-vos no cultivo de todas as virtudes humanas, cívicas e sociais, que tornem mais belo o rosto da pátria de que fazeis parte».

DA ALOCUÇÃO DO SR. ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO CARREIRA, PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE FÁTIMA:

«Fátima não aparece hoje, pela primeira vez, na história da região e da nossa Pátria. Fazemos parte das terras de Ourém, prestigiadas pela valentia dos guerreiros que sempre defenderam o seu Castelo, entre os quais temos a honra de contar o Condestável de Portugal, D. Nuno Álvares Pereira.

Recuando mais na História, o nome da nossa terra está ligado, segundo uma antiga lenda, a Fátima, filha do grande condutor do povo árabe. Fátima passou a ser nome familiar e querido para quantos contactaram os povos desta região, onde sempre encontraram acolhimento, amizade, trabalho e paz.

Mas a grande glória de Fátima, que hoje a torna conhecida nas cinco partes do mundo, fica a dever-se ao facto de Nossa Senhora ter escolhido a nossa terra para aqui, em 1917, transmitir a três humildes crianças da povoação de Aljustrel, a Sua Celeste Mensagem, promissora de paz

para Portugal e para o Mundo (...)

Ao expressarmos o nosso júbilo, nós queremos manifestar a nossa gratidão a quantos contribuíram para o desenvolvimento de Fátima. Muito nos honra portanto, a presença de V. Ex.ª neste dia memorável em que novo passo é dado na história de Fátima.

Entre todas as autoridades presentes seja-me permitido agradecer especialmente ao Senhor Ministro da Administração Interna, Tenente Coronel Manuel da Costa Braz, que tão dignamente aqui representa o Governo da Nação, a cuja boa vontade se fica a dever em grande parte a honra que hoje nos é concedida; e cujo nome nos orgulhamos de fixar para os vindouros nesta lápida que agora vai ser descerrada.

O Povo de Fátima, continuando as suas tradições compromete-se a ser digno dos seus antepassados e do seu nome e a continuar o progresso e glória de Portugal.»

DAS PALAVRAS DO SENHOR MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA, NA JUNTA DE FREGUESIA:

«Quero dizer que não têm nada em absoluto que me agradecer. Por uma razão simples: foi apresentada essa pretensão; essa pretensão foi achada justa e foi dado o seguimento

que em função disso deveria ser dado; o facto de ser eu a assinar o documento que promove a elevação a vila deste agregado é uma honra para mim, mas não deve ser agradecida porque está certa e é justa.»

FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA EVOCA O PASSADO DA VILA DE FÁTIMA:

«Deveríamos lembrar em primeiro lugar os mais simples, os mais humildes, os mais pobres; os donos dos terrenos onde se encontram hoje o Recinto do Santuário, as ruas da Cova da Iria, os hotéis, as pensões, os Seminários e as casas religiosas e até as nossas próprias moradas, desde os pais dos pastorinhos, (a rija ténpera, a fé e simplicidade da Família Marto, e a serenidades e lhaneza de trato da família Santos (os Abóboras) e tantos dos habitantes da Moita, da Lomba d'Égua, da Fátima, de Aljustrel (não podemos esquecer que só os terrenos que formam o actual Recinto do Santuário pertenceram a 117 proprietários) que eram donos dos campos, das pequenas fazendas onde se construiu a Vila de Fátima (...)

Teríamos que colocar a seguir os primeiros peregrinos a virem à Cova da Iria sem transportes (de carroça e de burro, a enterrar os pés no barro e a tropeçar nas pedras dos pequenos muros divisorios das propriedades.

Os que passaram noites debaixo de azinheiras, no chão, tendo como colchão as palhas que os animais comiam e as esteiras.

Os peregrinos que desde 1917, formaram caudal imenso de romeiros de Fátima e que a construíram com orações, com sacrifícios, com donativos, com iniciativas e sugestões.

E os que foram os primeiros habitantes da Cova da Iria (...)

Temos que evocar como um dos

maiores obreiros de Fátima, a figura veneranda do senhor Dom José Alves Correia da Silva, que foi o grande Bispo de Leiria e de Nossa Senhora de Fátima (...)

A nossa lembrança neste dia tem que ir também para os sacerdotes

que exerceram cargos de reitor, párocos, capelães e outros que prestaram serviços pastorais e sociais em Fátima, nestes 60 anos, desde o Padre Agostinho Marques Ferreira, P. Manuel de Sousa, P. Manuel Pereira da Silva (1.º administrador da Voz da Fátima), Dr. Joaquim Lourenço e tantos outros.

Embora não pertençam a este momento ao passado, porque estão presentes entre nós, não podemos deixar de recordar os reitores, cônego Amílcar Martins Fontes e Mons. António Antunes Borges, e ainda o actual reitor Dr. Luciano Guerra e actual

Pároco, P. Manuel António Henriques, grandes obreiros do bem espiritual e do progresso social e cultural da nossa terra.

A nossa evocação vai também neste dia, para todos os que serviram Fátima, nos campos mais variados, como: escritores, jornalistas, cineastas, artistas, urbanistas, etc. (...)

É justo que nos lembremos ainda de todos quantos exerceram a Autoridade e Administração nestes 60 anos, quer no âmbito da Nação, como no Distrito, no concelho e na freguesia.

E na pessoa de V. Ex.ª, o sr. Mi-

DO DISCURSO DO DR. LUCIANO GUERRA, REITOR DO SANTUÁRIO, NA SESSÃO EVOCATIVA:

«O futuro! Voltamos ao futuro! Ao futuro que desejamos descortinar, ao futuro que também teremos de construir. Mas como? A partir de quê? E com que esperança de sucesso?

Esta questão de esperança pode realmente ser questão no coração de alguns fatimenses, já que parece ser problema nos escritos e nos ditos de alguns jornalistas. Ou melhor, a esperança de uma Vila maior, mais cheia e mais concorrida não pode ser problema no coração dos fatimenses, porque também o não é verdadeiramente na boca daqueles que põem em causa o seu futuro. Mais do que problemas, mais do que opiniões têm-se escrito desejos. Hoje como nos anos precedentes, depois e antes do 25 de Abril, há quem deseje ardentemente que Fátima não seja nada; nada no futuro e nada no presente; mas como o presente o não podem negar, deitam-se a fazer profecias sobre o futuro e profetizam que Fátima está já em decadência. Nós, porém, os que aqui vivemos temos a nossa experiência do dia-a-dia e temos certas linhas de leitura que fundam bem a nossa esperança. (...)

No desejo de dar um contributo mais concreto para a grande tarefa comum que temos diante de nós nestes próximos anos (limite propostadamente as minhas propostas a estes anos mais próximos) e mesmo com risco de me introduzir em campos mais claramente civis (eu, que devo interessar-me acima de tudo pelos aspectos espirituais) peço licença para apontar aqui algumas pistas de lançamento. (...)

Tarefa primordial do povo da Vila de Fátima é cimentar a sua unidade numa consciência comunitária. Chamo consciência comunitária ao conhecimento exacto e profundo da personalidade desta terra. Personalidade única em Portugal, e muito rara no mundo inteiro. Propensos como somos à imitação, a observar o vizinho do lado para encontrar meio de obtermos os nossos fins sem os tormentos da busca, há um perigo muito grande, num país onde o turismo é receita, de a Vila de Fátima vir a pretender pensar-se como um centro de turismo.

Sem medo nenhum de errar, e

com a consciência de dar um conselho amigo, devo declarar aqui a minha arreigada convicção de que tal desvio em Fátima seria a sua liquidação. (...)

Elemento imprescindível para a criação de uma consciência comunitária será a unidade próprio ambiente geográfico. Pelos contactos havidos já com a Câmara Municipal, sabe a Comissão de Apoio à Revisão do Ante-Plano de Urbanização que existe a preocupação de favorecer e acelerar a unidade do nosso aglomerado. O problema principal está agora na realização do Plano dentro de prazos razoáveis, no maior ou menor adiantamento das soluções a propor, e na capacidade de resposta aos pedidos pendentes e aos que, feito o Plano, se virão a apresentar. (...)

Só me falta um recado mais, Senhor Ministro. E este diz-lhe directamente respeito. Refiro-me aos problemas na ordem pública. Em qualquer grande peregrinação, são às dezenas as carteiras que entregam no Posto de Acolhimento do Santuário — vazias, claro está. V. Ex.ª terá conhecimento de outros casos de transgressões, arrombamentos, assaltos à mão armada e outras imoralidades do domínio público. Ora uma vez que está feita a oferta do terreno para a construção de uma sub-unidade queríamos pedir-lhe que mandasse acelerar as negociações para a concretização rápida de tão grande necessidade. (...)

A Vila de Fátima não quer — e não poderia! — matar Vila Nova de Ourém. E ainda bem que a sede do concelho compreende a necessidade que tem a Vila de Fátima de encontrar caminhos, linhas e

nistro, nós desejamos prestar homenagem ao Senhor Presidente da República e ao Governo Constitucional, por tudo quanto têm feito por Fátima, e afirmar a nossa certeza de que, estando Fátima numa encruzilhada para onde convergem tantas multidões de todos os quadrantes, esperanças de aqui encontrarem paz e quietude espiritual, o Governo proporcione aos seus habitantes os meios humanos capazes de receber estas mesmas multidões, e que dos factores económicos que daqui decorrem resultem grandes benefícios para a Nação. (...)

estruturas por onde possa expandir a sua energia. Da pujança de uma ganhará a vida da outra. E se alguma vez, por hipótese que neste momento não possa considerar realista, elas tivessem que afastar-se, isso só poderia acontecer como quando acontece que os frutos maduros se desprendem da árvore-mãe. Separação dolorosa, que alguns, talvez por sadismo e outros por ignorância se comprazem em inscrever nas paredes e nos meios da Comunicação Social, mas que, repito-o por já o ter ouvido várias vezes, não merece ser considerada nesta altura, porque não há fundamento suficiente. O importante, neste momento, é dar-se as mãos e trabalhar: O Concelho ganhará com Fátima, Fátima ganhará com o Concelho. (...)

Senhor Ministro da Administração Interna! Agradeço-lhe muito sinceramente — e felicito-o — por ter ligado o seu nome a esta terra, a estes lugares, aos peregrinos de Fátima, a muitos milhões de pessoas espalhadas pelos cinco continentes, que nunca vieram a Fátima, mas que muitas vezes voltam para aqui os seus corações. Não me levará a mal que lhe prometa uma oração a Nossa Senhora para que o recompense com qualquer bálsamo interior para as suas preocupações, por esta prova de respeito e apreço pela terra das suas aparições. Pode V. Ex.ª estar certo que a criação da Vila de Fátima, mais do que um reconhecimento, mais do que uma aposta, é já um marco do futuro. Um futuro cujos horizontes últimos nos escapam. Mas um futuro que nós mesmos queremos construir no imediato sobre os alicerces que V. Ex.ª e o Governo da Nação acabam de ajudar-nos a construir.»

DO DISCURSO DO MINISTRO, NO ENCERRAMENTO DA SESSÃO:

«Se a elevação de Fátima como agregado disperso de várias povoações, se a elevação de Fátima a vila contribui para que esses vários agregados dispersos pensem em comum, como vejo que estão a pensar, se dinamizem apontando ao futuro, através de representantes seus que encaram os problemas

como uma intenção de colaboração uns para os outros — dizia eu: se a elevação de Fátima a vila proporcionar isso, se isso for conseguido, se for mantido o ânimo que eu julgo ser ou me apercebo mesmo que existe neste momento, então mais uma razão para eu me ter sentido feliz por ter assinado o documento que assinei. (...)

«Estende-se mais longe esta ideia de ligação entre os homens e de ligação afinal entre as terras; Não esqueceu o sr. Reitor a referência que fez ao concelho, em que está integrada esta nova vila, à sua Câmara Municipal — Vila Nova de Ourém. Pois há um apelo latente nas suas palavras: é que se não dividam os homens a partir ou com este pretexto e bem pelo contrário tal qual como é feita a solicitação para aqui, que também a circunstância de Fátima ser elevada a vila, porque as solicitações vão ser maiores, porque há necessidade que se entendam perfeitamente e reciprocamente nos respectivos problemas, que também aqui não exista motivo de divisão mas sim motivo de plena cooperação, colaboração, amizade entre os homens e a partir daí entre as terras. Mais uma vez eu o felicito por aquilo que disse, porque extraindo esta suma — chamemos-lhe assim — se conduzirá esta área, afinal este país para uma vivência construtiva frutuosa, amigável e próspera.

E nós precisamos de paz, de prosperidade e de amizade entre todos.»

MEU IRMÃO DOENTE

UMA VOZ QUE CANTA OS LOUVORES DO SENHOR

«Tenho 24 anos. Desde os oito que senti em mim um chamamento de Deus. Não sabia bem para quê. Nada de visões ou sugestões. Graças à minha Tia (pois a minha Mãe morreu quando eu tinha seis anos) cedo descobri o grande amor do Senhor. Sentia grande desejo de oferecer toda a minha vida. A minha Tia explicava-me como a Jacinta e o Francisco ofereciam os seus sacrifícios. E isto veio despertar em mim uma vontade mais forte de tudo dar pela conversão dos pecadores e em

reparação dos pecados cometidos. Aos doze anos Jesus aceita a minha oferta. Desde então até agora tenho vivido pregada à minha cama com uma doença de coluna, que me impede fazer qualquer movimento. Entretanto sou feliz, embora carregada de imperfeições, e desejava que todos os meus irmãos doentes particularmente os jovens, sentissem a grande alegria que me vai no coração.

Durante este tempo, quantas graças, não tenho recebido do Senhor e de Maria nossa Mãe,

pois sem elas não teria aguentado esta cruz. Para mim o retiro em Fátima, foi uma luz e uma força humanamente inexplicável.»

Jovens doentes, não percais a oportunidade de virdes a Fátima, passar três dias, com outros irmãos doentes de todo o país e pedirdes à Mãe do Céu que ali apareceu, fortaleza para poderdes continuar o caminho doloroso do nosso sofrer.

O responsável deste Serviço

P. Antunes

FÁTIMA, centro de espiritualidade

JULHO

CAPÍTULO PROVINCIAL DA ORDEM DOMINICANA

De 5 a 19 do mês de Julho, a Província Dominicana Portuguesa esteve em Capítulo no convento de Fátima. É um acontecimento que se verifica todos os quatro anos para a eleição do prior provincial e do conselho da Província e para revisão de projectos e reformação de leis.

Os vogais capitulares representantes eleitos das várias comunidades dominicanas da Província, elegeram para o cargo de prior provincial Frei MATEUS NUNO CARDOSO PERES, até agora prior do convento do Porto.

Com o prior provincial foi eleito o conselho da Província, composto pelos quatro Defensores eleitos, fr. Alberto Maria Vieira, fr. João Domingos Fernandes, fr. Jerónimo Carneiro, fr. Luís Gonçalves Leitão Cerdeira e ainda pelo ex-prior provincial, fr. Miguel Martins dos Santos e pelo fr. Bento Domingues, Promotor dos estudos na Província Dominicana de Portugal.

No dia 7 o Capítulo recebeu a visita do Vigário Geral da diocese de Leiria, Mons. António Antunes Borges, que em nome do Prelado da diocese, ausente, presidiu à celebração da Eucaristia e proferiu uma breve alocução.

A EUCARISTIA NA LÍNGUA DE CRISTO NA CAPELA DAS APARIÇÕES

O Vigário Patriarcal caldeu egípcio, Dom Efrém Bédé, que desde 1964 é reitor do Santuário de Nossa Senhora da Fátima de Heliópolis, no Cairo, veio de visita ao nosso país, de 18 a 24 de Julho, e esteve em peregrinação no Santuário da Cova da Iria e celebrou missa na capela das aparições no rito aramaico, utilizando para a consagração eucarística a língua que Cristo usou na Palestina.

No salão da Casa dos Retiros, Dom Efrém Bédé fez uma conferência acerca do rito caldeu aramaico, declarando que o Santuário da Fátima de Heliópolis é local de oração para católicos e fiéis de outras religiões incluindo a maometana. Dom Efrém entregou ao reitor do Santuário um pedaço de maná, o alimento bíblico que ainda hoje é servido em certas regiões do Médio Oriente.

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS EM FÁTIMA

No dia 23 de Julho, esteve no Santuário, onde foi cumprimentado pelo reitor, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália, Arnaldo Forlani que visitou oficialmente o nosso país em ordem à cooperação entre a Itália e Portugal e quis ser peregrino de Fátima. Orou na capela das aparições e participou na celebração da Eucaristia na Basílica.

AGOSTO

XXVIII SEMANA GREGORIANA DE FÁTIMA

De 2 a 10 de Agosto, efectuou-se no Santuário a 28.ª Semana Gregoriana, promovida pela Liga dos Amigos do Canto Gregoriano, frequentada por sacerdotes, religiosos e estudantes.

Além do estudo do Canto gregoriano ministrado em aulas dos professores Cónegos José Alegria e Mário Brás, e dos maestros Jos. Lennards de Paris e Edouard Soubebielle, e da directora da Semana, D. Júlia de Almendra, efectuaram-se conferências e concertos de órgão pelo Prof. Edouard Soubebielle.

Num dos dias da Semana os Semanistas tomaram parte numa Missa de Requem celebrada na Basílica por alma do Senhor Dom José Alves Correia da Silva, que foi bispo de Leiria e um dos iniciadores das Semanas Gregorianas de Fátima.

OS MISSIONÁRIOS CLARETIANOS COMEMORARAM EM FÁTIMA O CINQUENTENÁRIO DA SUA IMPLANTAÇÃO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Realizou-se nos dias 6 e 7 de Agosto, a 24.ª peregrinação anual dos Missionários do Coração de Maria (Padres Claretianos) com a presença de muitos milhares de peregrinos procedentes de vários locais, sobretudo do Porto, Carvalhos, Cacém, Lisboa, Setúbal, Fátima e outras localidades. Associaram-se aos actos diversas outras peregrinações.

A peregrinação deste ano teve por finalidade comemorar o cinquentenário da chegada dos primeiros missionários claretianos às ilhas de São Tomé e Príncipe, por onde já passaram 50 religiosos desta Congregação, a maioria dos quais procedentes da diocese da Guarda.

Presidiu à peregrinação Dom Manuel Nunes Gabriel, arcebispo resignatário de Luanda e actual Administrador Apostólico de São Tomé e Príncipe.

Os peregrinos tomaram parte, no sábado, na procissão de velas e velada nocturna e no domingo efectuou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora e uma solene celebração da Eucaristia presidida pelo Administrador Apostólico e a participação do Superior Provincial, Dr. João Alves, do reitor do Santuário e de mais 20 sacerdotes da Congregação e outros, alguns dos quais estrangeiros.

Na homília o sr. D. Manuel Nunes Gabriel recordou alguns dados históricos da cristandade africana de S. Tomé e Príncipe que actualmente se compõe de cerca de 75.000 habitantes, na sua maior parte de cor negra e quase todos baptizados na Igreja Católica. Formulou as maiores bênçãos para o povo da nova República africana de expressão portuguesa e para a Congregação dos Padres Claretianos que ali continuam a prestar os melhores serviços. Presentemente trabalham ali 7 missionários.

No fim da missa o superior da Congregação recitou a consagração ao Coração de Maria. Os actos terminaram com a procissão do Adeus.

NÚNCIO APOSTÓLICO DO CANADÁ

A presidir a uma peregrinação de 16 pessoas de diversos pontos do Canadá, esteve durante vários dias em Fátima Mons. Palmas, pronúncio apostólico no Canadá.

O CARDEAL MARTY VISITOU A FRATERNIDADE DAS IRMÃZINHAS DE JESUS

O Cardeal Marty, a convite de algumas Irmãzinhas que ele já conhecia, foi visitar no dia 13 de Agosto a fraternidade onde se encontram Irmãzinhas da Marinha Grande e Lisboa, vindas para participar na peregrinação dos emigrantes.

Ao chegar, cumprimentou um grupo de jovens franceses do M. R. J. C. (Movimento Rural da Juventude Cristã) a quem as Irmãzinhas emprestaram por alguns dias parte da casa.

Eles contaram-lhe o que viveram ao longo destes dias: os encontros que tiveram com os operários de algumas fábricas que visitaram e com os trabalhadores de cooperativas; a descoberta do povo português que os impressionou pelo seu acolhimento e sentido de partilha. O Sr. Cardeal, falando sobre a religiosidade popular que eles encontram aqui em Fátima, disse-lhes como é necessário saberem compreender uma certa expressão da fé da gente simples, e ao mesmo tempo, do estímulo que ela deve ser para eles no sentido duma exigência maior no compromisso da sua vida cristã.

Interessou-se por saber os diferentes países de origem das 13 Irmãzinhas presentes (Portugal, França, Bélgica, Suíça, Polónia, Urugai, Itália, Espanha) e pela inserção das diferentes fraternidades do país. Foi-lhe referido o trabalho rural de duas Irmãzinhas numa Unidade colectiva de Produção do Alentejo, o acolhimento simples e fraterno das pes-

soas com quem partilharam a vida, e a próxima ida de outras duas Irmãzinhas para uma aldeia de Trás-os-Montes, onde vão trabalhar no campo. O Senhor Cardeal disse-lhes para serem sinais da Igreja pobre, para estarem sempre próximas dos mais pobres: «o dom das línguas é feito para entrar no coração dos outros, mas a pobreza é chave para entrar no coração de todos».

Disse-lhes também que ele próprio é duma família simples do campo e que acaba de passar uns dias de férias com ela.

Falou-lhes ainda da Unidade da Igreja, que nós sentimos ser uma das suas grandes preocupações, e da fidelidade nas pequenas coisas e no quotidiano da vida.

PRESENÇA DE PEREGRINOS ESTRANGEIROS

Numerosos grupos de peregrinos de vários países participaram na grande peregrinação aniversária de Agosto. Entre outros tomámos nota de 55 belgas entre os quais, Mons. BEGIRU MUWANI, bispo resignatário de NIUNDO, Ruanda, que veio a Fátima celebrar os 25 anos do seu episcopado. 54 irlandeses com quatro sacerdotes e 20 doentes (estiveram de 11 a 18). 50 franceses de Bordéus. 14 peregrinos de Nice que fizeram o percurso a pé pela paz (1.800 quilómetros de penitência e oração — Nice-Lurdes-Fátima), muitos peregrinos da Itália (Milão), da Espanha (Tarragona); vários grupos da Alemanha, Austria (entre estes um surdo-mudo que fez a viagem à boleia),

da Suíça (Exército-Azul), da Inglaterra, Canadá, América do Norte e outras nações.

UMA PARÓQUIA E UM CENTRO DE ACOLHIMENTO PARA EMIGRANTES PORTUGUESES EM PARIS

Depois da homília, o cardeal Marty anunciou aos peregrinos de Fátima e sobretudo aos emigrantes portugueses na sua arquidiocese que vai colocar uma igreja e um Centro Paroquial, à disposição dos católicos portugueses, nos arredores de Paris.

Este gesto apostólico do cardeal foi acolhido com grande satisfação pelos emigrantes, que soltaram de entre a multidão um «muito obrigado» e manifestaram o seu regozijo com uma salva de palmas.

PEREGRINAÇÃO DIOCESANA DA CATEQUESE DE LAMEGO

Cerca de 2.000 catequistas da diocese de Lamego tomaram parte na peregrinação que o Secretariado Diocesano organizou ao Santuário nos dias 30 e 31 de Agosto e que foi presidida pelo senhor Dom António de Castro Xavier, arcebispo-bispo desta diocese.

Os peregrinos concentram-se no dia 30, junto da Cruz Alta para a entrada solene no Recinto do Santuário, tendo-se dirigido à capela das aparições onde foi proferida uma saudação.

À noite efectuou-se a procissão de velas e velada encáristica.

Fátima no Mundo

ITÁLIA

Acompanhado de um grupo numeroso de peregrinos esteve no Santuário o Padre Romualdo M. Lopardo, Superior do Santuário do Coração Imaculado de Maria da Cidade de Pescara, na Itália Central, junto do Adriático.

Esta peregrinação encerrou o programa de celebrações comemorativas do 60.º aniversário das aparições de Nossa Senhora em Fátima e do 30.º aniversário da chegada a Pescara da Imagem do Coração Imaculado de Maria (8-6-1947) e da consagração da cidade ao mesmo Imaculado Coração (10-6-1947).

No programa das celebrações que se desenrolaram especialmente no mês de Maio passado e que nos foi enviado, está descrita a história deste santuário de Itália dedicado ao culto de Nossa Senhora de Fátima.

Tudo começou com o mais grave bombardeamento da cidade durante a última guerra: às 13.25 h de 8 de Dezembro de 1943. A Igreja do Rosário dirigida pelos Padres Oblatos de Maria Imaculada ficou completamente destruída, salvando-se apenas a imagem de Nossa Se-

nhora. Entre tantas ruínas, destruições e sofrimentos foi amadurecendo entre os oblatos o voto de construir um santuário dedicado ao Imaculado Coração de Maria, em resposta à mensagem de Fátima e como sinal de esperança e de renascimento social e cristão de Pescara. A benção da primeira pedra foi no dia 16 de Junho de 1946. O Santuário foi aberto ao culto em 10 de Fevereiro de 1962, mas as obras ainda não estão totalmente concluídas.

O Santuário do Coração Imaculado de Maria de Pescara é um verdadeiro centro de evangelização e de piedade eucarística e mariana.

O Rev. Padre Lopardo ofereceu ao Santuário de Fátima um belo quadro, reprodução daquele que foi benziado pelo Papa Pio XII a 13 de Maio de 1947 e entronizado a 8 de Junho do mesmo ano.

BRASIL

O Senhor José Augusto Baptista da Silva, de Belém do Pará, teve palavras de muita gentileza para a *Voz da Fátima*: «o número de Junho bateu todos os recordes de bre-

No dia 31 houve uma sessão de estudo em que foram debatidos e analisados vários aspectos do ensino da Doutrina Cristã no plano diocesano (para todos os sectores — crianças, jovens e adultos). Presidiu à esta sessão o sr. Arcebispo de Lamego e foi orientador da mesma o P. José Cardoso de Almeida, secretário diocesano da catequese.

As 11 h. os peregrinos efectuaram uma procissão com a imagem de Nossa Senhora em que se incorporaram o Bispo e 50 sacerdotes que realizaram a celebração da Eucaristia na Colunata da Basílica. Proferiu a homília o sr. D. António de Castro Xavier Monteiro. Comunaram alguns milhares de peregrinos.

Os actos desta peregrinação terminaram com a procissão do Adeus, precedida da consagração da diocese de Lamego a Nossa Senhora pelo bispo da diocese.

ÚLTIMA HORA

O Presidente da Grande Peregrinação deste 13 de Outubro é o Senhor Arcebispo de Colónia, da Alemanha, Cardeal Joseph Hoeffner. Obrigado Senhor Cardeal! E que sejam cada vez mais numerosos os nossos irmãos da Alemanha a dar o seu «sim» aos convites de Nossa Senhora em Fátima.

«À VOSSA PROTECÇÃO RECORREMOS SANTA MÃE DE DEUS»

Todos sabemos do sequestro do Presidente do Conselho de Estado de Espanha D. António Maria Oriol e do Presidente do Tribunal Supremo de Justiça Tenente General D. Emilio Villacusa.

Alguns traços breves da sua atitude cristã nas circunstâncias dramáticas que os envolveram: Quando voltaram às suas casas e às suas ocupações ordinárias, apenas recobrada a liberdade, estes dois cavaleiros, que por força das metralhetas foram submetidos à escravidão, nem nas suas declarações nem nas palavras dos seus familiares proferiram qualquer expressão que resumisse ódio ou vingança contra os sequestradores. Pelo contrário, D. António M. Oriol, depois de haver ponderado diante dos seus familiares e amigos como havia encontrado na sua fé cristã a melhor consolação e o esforço nos longos dias de cativo e a esperança num resultado feliz, acrescentou que desejava esta mesma fé para os seus sequestradores.

Por sua parte, D. Emilio Villacusa proclamou a sua gratidão à di-

vidade pois traz o carimbo de 14 de Junho em Leiria e a 17 ao meio dia já estava em minhas mãos, pois foi para mim uma grande alegria recebê-lo assim tão breve. Com respeito ao jornal de Fátima, eu o leio de começo ao fim com muita alegria e às vezes até com lágrimas, revivendo a saudade de estar em Fátima junto à Virgem Mãe».

Pois está assinante, cuja anuidade é paga pela freguesia de Várzea dos Cavaleiros, concelho da Sertã, enviou-nos um recorte do jornal *O Liberal*, de Belém, 14 de Maio de 1977, com a notícia de uma grandiosa procissão em que se incorporaram perto de 10 mil fiéis entre os quais muitos portugueses e um descendente de D. Pedro Álvares Cabral.

Ainda do Brasil nos chegam notícias de mais uma grandiosa celebração, no dia 13 de Maio, passado, em honra de Nossa Senhora de Fátima em Prata, presidida pelo arcebispo D. Pedro José Costa, durante a qual o Sr. Bispo de Leiria enviou uma mensagem telefónica. Nos dias seguintes a imagem de Nossa Senhora benzida em Fátima no dia 13 de Maio de 1975, percorreu muitas escolas municipais da região.

entre eles:

— «Tenho cá no meu coração que a meu irmão o libertam no dia de Nossa Senhora de Lurdes».

— «Nossa Senhora de Lurdes? Mas isso está a chegar».

— Sim, depois de amanhã: 6.ª-feira.

— «Mas há algum indício?»

— «Não, indício, não; mas há muita gente a rezar e Nossa Senhora fá-lo-á. É uma coisa que tenho no coração e uma grande confiança. Ou cremos ou não cremos».

— Bem... pode pedir-se que se cumpra a vontade de Deus, mas fixar o dia...

— Não sei, não sei; mas tenho no coração que o libertarão no dia de Nossa Senhora de Lurdes».

Dr. Pires de referir este diálogo, o mesmo director de ABC escreve:

As 17.36 da tarde de ontem, festa de Nossa Senhora de Lurdes, chegava ao meu escritório a notícia: «Oriol libertado».

Está-se a ver a impressão de director de ABC!

De «MENSAGEIRO», Agosto de 1977